

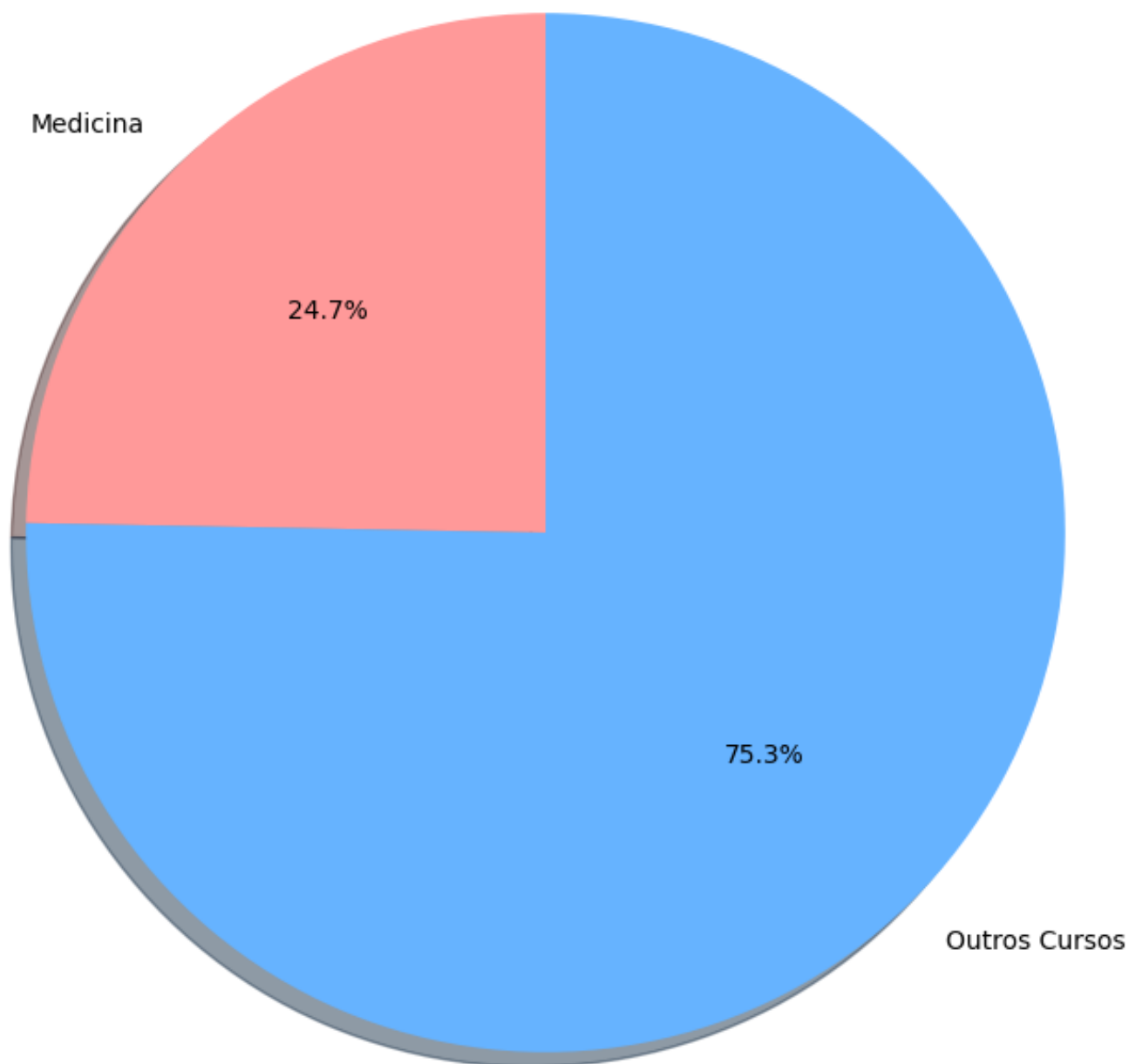


Desigualdade no Acesso ao Curso de Medicina no Brasil

Apesar do sucesso das políticas afirmativas nos últimos anos, a medicina ainda é uma profissão dominada por brancos oriundos das classes média e alta. De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), mais de 55% da população brasileira se identifica como preta (9,4%) ou parda (46,8%) e, apesar do quantitativo expressivo, quando o assunto é representatividade dessa população na medicina, as estatísticas encolhem.

O curso de Medicina é, historicamente, um dos mais almejados e prestigiados no Brasil, tanto pela relevância social da profissão quanto pelas boas perspectivas salariais e de carreira. No entanto, o acesso a essas formações, sobretudo nas universidades federais, é marcado por um desequilíbrio significativo, refletindo a desigualdade estrutural do país.

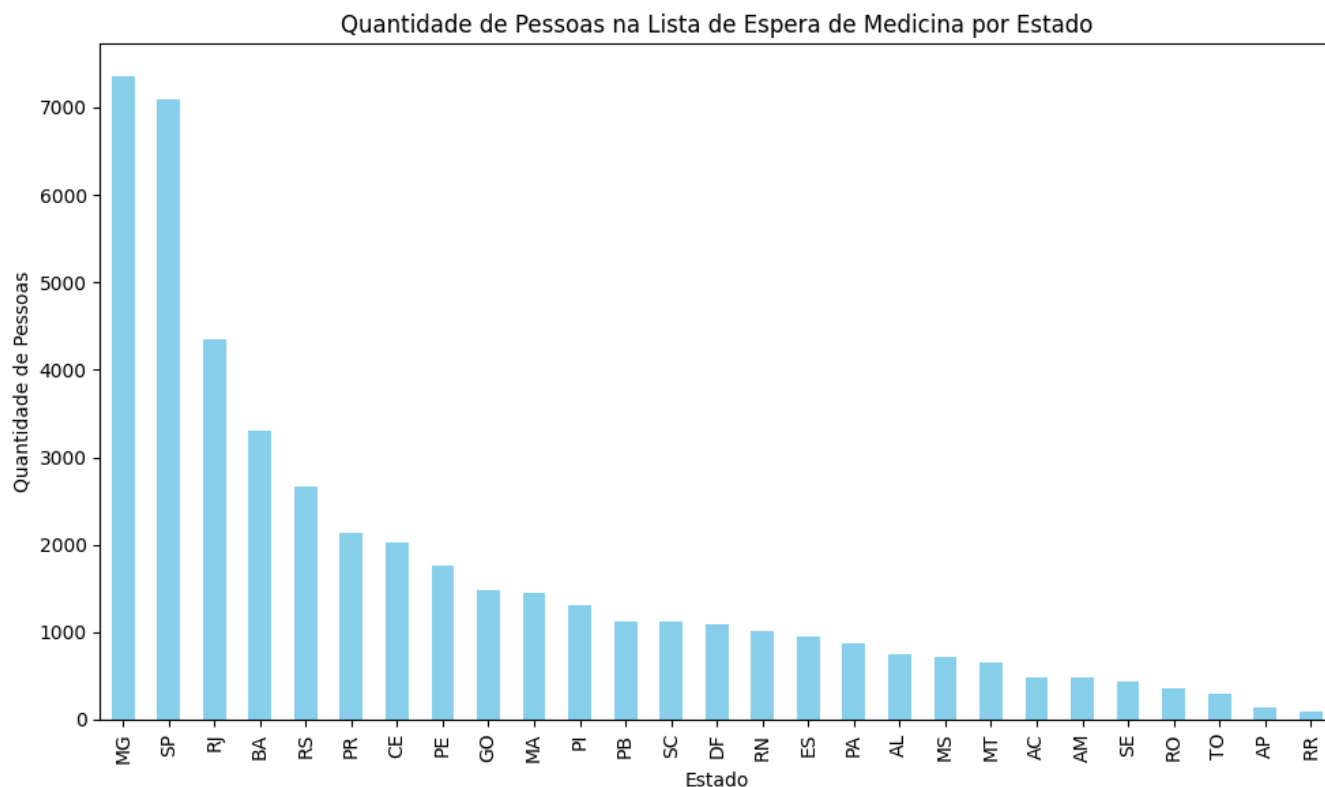
Distribuição de Candidatos na Lista de Espera: Medicina vs Outros Cursos



A Relação Vagas x Candidatos Em Lista de Espera

Anualmente, milhares de jovens brasileiros competem por uma das raras vagas nos cursos de medicina das universidades federais. A oferta de vagas, no entanto, está muito aquém da demanda. Segundo dados recentes, algumas instituições chegam a ter uma relação de mais de 200 candidatos por vaga, criando um funil quase intransponível para muitos aspirantes.

Quantidade de alunos na lista de espera para o curso de Medicina no SISU 2022/2: 45.508 candidatos.



Desigualdade no Acesso

Esse cenário evidencia as disparidades econômicas e sociais no Brasil. Embora o ensino superior nas universidades federais seja gratuito, a preparação para alcançar uma dessas vagas não o é. Alunos de escolas particulares, que contam com uma formação de qualidade superior à média das escolas públicas, têm muito mais chances de ingressar. Em contrapartida, estudantes de escolas públicas, que representam a maioria da população, enfrentam não apenas dificuldades educacionais, mas também a escassez de recursos financeiros para custear cursos preparatórios que os preparem de forma competitiva para o ENEM.



O Sistema de Cotas e Suas Limitações

O sistema de cotas, implementado como uma tentativa de mitigar essa desigualdade, tem proporcionado avanços significativos no acesso de alunos de escolas públicas, negros, pardos e indígenas ao ensino superior. No entanto, ele ainda enfrenta resistência em certos segmentos da sociedade e não resolve completamente o problema. Muitos candidatos cotistas, mesmo com as políticas afirmativas, continuam a enfrentar dificuldades para ingressar nos cursos mais concorridos, como Medicina.

O número de vagas é limitado e a lista de espera continua longa, o que gera frustração para muitos desses jovens. Mesmo com as cotas, a quantidade de estudantes que conseguem entrar no curso de Medicina ainda está longe de refletir a realidade da população brasileira.

Considerações Finais

A desigualdade no acesso ao curso de Medicina nas universidades federais brasileiras é uma manifestação de problemas maiores que permeiam o sistema educacional e social do país. Para mitigar essa realidade, seria necessária uma ampliação significativa da oferta de vagas nas universidades públicas, aliada a uma reforma no ensino básico, que melhore a qualidade da educação nas escolas públicas e ofereça reais condições de competitividade para todos os estudantes. O fortalecimento de políticas de permanência estudantil também seria essencial para garantir que aqueles que conseguem ingressar no curso de Medicina possam concluí-lo, independentemente de suas condições socioeconômicas.